

ENSINO DE HISTÓRIA: ARTE MUSICAL, UMA ESTRATÉGIA DE DEBATE SOBRE AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS

Maria Elizabete Roque da Silva¹
Jhonnys Eliel Torcate²
Maria Daiane da Silva Sousa³
Noélio Nonato Alves⁴

RESUMO

O presente artigo versa acerca de um mecanismo que pode ser utilizado para trabalhar em sala de aula, que promoverá uma nova visão midiática aos alunos, a música e em especial sua letra através do discurso pode interferir no cotidiano do indivíduo. A linguagem musical pode ser trabalhada com distintos temas, mais especialmente em relação à abordagem de gênero, que está presente no Ensino de História. Escolheu-se analisar a arte musical como um mecanismo de debate sobre gênero. O trabalho promoverá uma pequena reflexão sobre as mulheres e como as mesmas foram sendo afirmadas ao longo do tempo, dando ênfase ainda as conquistas da categoria. Busca-se promover uma breve pontuação de como o professor pode utilizar a música em sala de aula para apontar um prisma das noções de orientação. A análise parte das composições musicais do Forró eletrônico como mecanismo de aprendizagem produzindo uma perspectiva positiva no ensino de História. A utilização da música assim como os novos recursos e fontes históricas sobre a construção histórica da banalização feminina juntamente com a prática reflexiva dos professores pode contribuir positivamente no ensino reflexivo, indagando questões relacionadas a gênero e a representação feminina.

Palavras chaves: Ensino de História; Representação Feminina; Música.

INTRODUÇÃO.

As mulheres construíram ao longo do tempo um difícil processo de reconhecimento como participantes ativas da sociedade tanto, na política como na cultura. Observa-se que na atual conjuntura do século XXI as mulheres desempenham um protagonismo influenciado por suas mobilizações sociais originárias no século XIX, que reformularam e introduziram na sociedade um novo estudo sobre o gênero, porém, embora as mulheres tenham alcançado vários direitos significativos no decorrer de suas lutas, elas ainda carregam alguns discursos do passado que marcam o papel da mulher na sociedade. Ao discorre sobre essa temática pretende-se analisar a construção histórica da representação feminina a partir do recuso audiovisual, dando ênfase ao papel agregado à mulher como uma figura banalizada e ainda pontuar a importância de debate sobre Gênero no processo de ensino/aprendizagem.

¹ Graduando do Curso da Universidade Regional do Cariri - URCA, elizabeteurca@gmail.com ;

² Graduando do Curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, daianesousa015@gmail.com ;

⁴ Graduando do Curso de História da Universidade Regional do Cariri - URCA, noeliononato456@gmail.com ;

⁵ Professor orientador: Mestre em Ensino de História, - URCA, johnnystorcate@gmail.com ;

Os discursos que foram sendo apropriados as mulheres ao longo dos anos ajudaram a contribuir na desclassificação e banalização das mesmas. Os discursos machistas impregnados a mulher sempre remetem a ela algo “negativo”, e isso pode ser sentido nos discursos deis do período medievo até a contemporaneidade. Isso nos faz indagar: As relações de gênero estão sendo discutidas em sala? Como podemos trabalhar os papéis sociais em sala de aula?

Quando consideramos os quadros estatísticos presentes em diversas mídias contemporâneas, nos deparamos com informes importantes acerca da afirmação do lugar de sujeito para a mulher, bem como a necessidade de reconhecer as batalhas e vitórias das mulheres em suas lutas, especialmente no movimento feminista. A partir desses informes podemos pontuar que é necessário o debate sobre gênero na educação e sobre tudo em sala de aula no entanto se faz necessário também essa discursão entre outros espaços para que a sociedade tenha consciência do processo de afirmação das mulheres e dos seus direitos.

Embora reconhecendo que já existem ótimos trabalhos sobre essa temática, tenho o intuito de propor um aprofundamento sobre o tema. Diante desse aprendizado o trabalho poderá contribuir para uma melhor compreensão do assunto. Esse texto discursivo tem por base analisar a influência das letras musicais na construção de desigualdades entre homens e mulheres, dando ênfase em como trabalhar esse tema na educação utilizando o recurso musical. Compreender como as mulheres são retratadas na arte musical e promover um breve debate reflexivo sobre os direitos humanos conquistados pelas mulheres.

O método utilizado na pesquisa será a pesquisa descritiva, irá descrever e analisar o processo de afirmação feminina e de banalização da mesma utilizando o recuso audiovisual. Apresentarei os discursos presentes nas letras musicais do ritmo forró sobre a mulher mostrando ainda sua presença na arte musical e como ela e retratada na mesma.

ESTRUTURAS METODOLÓGICAS

A pesquisa descritiva visa efetuar a descrição de processos, mecanismos e relacionamentos existentes na realidade do fenômeno estudado, utilizando, para tanto, um conjunto de categorias ou tipos variados de classificações (NEUMAN, 1997). Triviños (1987, p. 110) afirma que:

“O estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”. Os estudos descritos podem ser traçados em função de: Simples descrição do fenômeno, Uso de categorias ou classificações, Qualitativos ou quantitativos.

Para Triviños (1987, p. 112), os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos. Estes fogem da possibilidade de verificação através da observação.

A partir da análise do discurso podemos introduzir alguns tipos de indagações como: O que está sendo analisado? E como a situação é interpretada? O Por que? E como foi apresentada a situação? Ao analisarmos o discurso, estaríamos propondo uma análise diante da questão que se relaciona com a situação criada. A análise vai procura englobar a relação binária do campo da língua e da sociedade.

O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (Pêcheux, 1990, p.18).

Segundo Fiorin (1990, p. 177), o discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos.

ENSINO DE HISTÓRIA E GÊNERO

Examinar gênero concretamente, contextualmente e de considerá-lo um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. Esta é ao mesmo tempo uma postura familiar e nova de pensar sobre a história. Pois questiona a confiabilidade de termos que foram tomados como auto evidentes, historicizando-os. A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos (SCOTT, 1994, p. 19).

As relações de gênero promoveram ações históricas de construções de debates e mudanças nas estruturas discursivas da sociedade, que promoveram novas discussões sobre as identidades de homens e mulheres num processo de caracterização dos mesmos. Faz-se pertinente indagar sobre Gênero: Como apresentar aos alunos a importância de debate sobre a

diversidade de Gênero e ainda, quais fontes podem ser utilizadas no Ensino de História para dialogar sobre a História das Mulheres?

Essas indagações, assim como outras, estão presentes no dia a dia escolar em especial nas aulas de história, alguns professores sentem dificuldades de trabalhar esse tema, isso e deve ao fato de muitas vezes a um pouco contato que os professores tiveram com o assunto na sua formação inicial ou o pouco recurso didático que eles possuem para contribuir com essas aulas. No entanto, devermos propagar e defender a ideia de se trabalhar as diferenças e as representações de gênero, assim com desconstruir a ideia de inferiorização das mulheres, contribuindo para uma nova concepção de mundo dos alunos.

A escola exercer um papel fundamental na evolução social e intelectual dos alunos ela exerce a produção saberes, e esses saberes devem estar imersos na vivência dos alunos. Já que segundo Bock, Furtado & Teixeira, o papel da escola seria:

Transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança “humanize-se”, cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola. Aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (2001, p. 261).

Em dias atuais debater questões de gênero é um desafio para o ensino em especial no campo da história, isto pode ser decorrente das influências sociais e culturais que configuram os elementos históricos e que propagam as desigualdades, no entanto devermos levar em conta a importância de debate relações de gênero para modificar pensamentos errôneos impregnados na sociedade.

Problematizar as relações de gênero pode contribuir no questionamento das acomodações da sociedade, como por exemplo, em relação à imposição do machismo vigente ainda em dias atuais. Visando aprofundar as questões das desconstruções culturais sobre a questão de gênero na escola, surgiu nos Parâmetros Curriculares Nacionais a discussão de que “o conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos”. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “*masculino*” e “*feminino*” como construção social. (PCN/Temas Transversais. 1998).

O texto do PCN’s afirma (Brasil, 1998 p.26):

(...) por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões.

De acordo com os PCN's, o tema sobre gênero é legítimo nos temas transversais no módulo de Orientação sexual e Gênero. Sobre o debate de gênero podemos afirmar que é importante questionar sobre gênero na aula de História, é importante que ocorra a desconstrução de concepções preconceituosas de grupos culturais, promovendo, assim, um melhoramento nas relações sociais.

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DOS DISCURSOS DE CARACTERIZAÇÃO A MULHER E AS CONQUISTAS DA CATEGORIA

No sentido renascentista, a Idade Média foi a cessação do progresso humano, que teve sua inauguração pelos gregos e romanos e foi reformulada pelos homens de século XVI. O século XVII foi afirmado a dominação secular da Igreja Católica. Foi o período de supremacia de Nobreza e do Clero, a Igreja foi o centro de reformulações, controlava a todos seguindo o conceito de “*Orbis Christianus*” (Domínio de Cristo sobre o mundo Orbe).

Sobre o homem medieval, caracterizarem ele ao longo do período como sendo superior a mulher, pois ele tinha força física para ir as Guerras e principalmente as Guerras Santas para benefícios da Igreja. Enquanto a mulher por ser de corpo frágil tinha que fazer os afazeres de casa e cuidar dos filhos.

Segundo P. Segneri, no século XVII vemos nascer um novo debate sobre a história da sexualidade um novo olhar sobre o sexo foi propagado pela Igreja Católica: O sexo, segundo essa ordem discursiva, não deve mais ser mencionado sem prudência, a carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento mais importante do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular; pois é um mal que atinge todo o homem. (p.301-302)

Com o novo discurso sobre o sexo vemos aumentar também a afirmação da moral e da família com a qual a mulher foi sendo afirmada como “a senhora do lar” responsável pela criação dos filhos e dos afazeres de casa, o papel da mulher nesse momento estava sempre ligado ao do homem, a ela ser submissa a ele e a moral dos bons costumes propagado pelo catolicismo, essa representação da moral e da família ligado à mulher fica vigente com maior efetividade até meados do século XIX.

As mulheres na idade medieval poderiam ser caracterizadas pela submissão os homens seja ele o marido, o pai ou o sogro. Elas deviam respeito a eles e tinham que obedecer todas as suas imposições, elas eram consideradas senhoras do lar e da família, tinham que serem recatadas. O casamento medievo era considerado um pacto entre famílias que obedecia a interesses dos homens. No período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII se introduz o fenômeno expansionista em toda a Europa: a repressão sistemática do feminino em momento chamando a "caça às bruxas". Neste momento aconteceram várias mortes de mulheres sendo elas consideradas bruxas.

A construção da imagem da mulher no período medieval aprofundava e afirmava as desigualdades de sexos nas sociedades, a mulher sendo posta como inferior criou uma civilização na época de rotulações e preceitos religiosos doutrinadores, que acabaram dando privilégios aos homens.

No século XIX inicia-se a construção de um novo véis em relação à mulher, esse era diferente daquela sociedade remota que definia a mulher sempre submissa ao homem e que ela dependia do mesmo para se manter no “status” de uma boa mulher sendo sempre obediente a ele.

No século mencionado as mulheres foram se revolucionando em relação a esses discursos, fizeram campanhas, se organizaram, escreveram livros, desenvolveram manifestos em um movimento conhecido como Feminismo. Esse movimento marca um avanço feminino, na desconstrução de desigualdades tanto na política como na condição de gênero.

O feminismo busca repensar e recriar a identidade do sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. Que a afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimento nos homens e serem vivenciados nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar etc. (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 9-10).

Os grupos de feministas reivindicaram várias coisas que antes não eram consideradas como direito para a mulher, por exemplo, o voto, as mulheres não tinham o direito ao voto, apenas os homens podiam votar. Nesse contexto, as mulheres não participavam do cenário político, não eram sujeitos políticos, não votavam nem recebiam votos, em suma, não tinham nenhuma representação política. Dessa maneira, as mulheres eram totalmente excluídas da vida

política, e com isso, de qualquer poder decisório. Com as reivindicações das feministas as mulheres foram ganhando mais espaço e foram conhecendo algumas conquistas como: voto, reconhecimento no mercado de trabalho e educação.

O feminismo foi construindo com o passar do tempo uma afirmação dos direitos humanos para as mulheres, ganharam espaço e conquistaram direitos, as mulheres passaram a ocupar espaços sociais e políticos. O movimento feminista despertou nas mulheres o desejo pela igualdade entre homens e mulheres, mais não só igualdade mas também o respeito, o reconhecimento e a participação feminina na sociedade.

A ARTE MUSICAL DO FORRÓ ELETRÔNICO COMO UM MECANISMO DE DEBATE SOBRE A BANALIZAÇÃO FEMININA

As mulheres foram construindo ao longo do tempo sua própria afirmação nos direitos humanos, foram ganhando espaço e conquistando seus direitos, passaram a ocupar espaços sociais e políticos. Mesmo com todos esses avanços ainda é possível perceber muitos ecos machistas na nossa sociedade. Em várias linguagens a mulher continua sendo destacada de forma errônea como, por exemplo, no campo artístico musical, o que queremos demonstrar e como a mulher segue sendo destacada de forma inferior na sociedade atual, em especial na linguagem musical do forró eletrônico, ainda dando ênfase a utilização da música para o debate sobre a banalização feminina.

Segundo Gonçalves (1996), a música não é uma simples manifestação da arte, pois além de transcender a arte, penetra nos caminhos obscuros do ser, interferindo no comportamento, agindo na psique do indivíduo podendo alterar inclusive sua própria consciência. A música tem o poder de modificar visões e de afirmar discursos, ela está muito ligada à realidade de cada indivíduo, através dela os indivíduos manifestam suas raízes culturais ou sua identificação cultural.

A música popular passou por significativas mudanças algo do tempo, mais sem sombra de dúvidas a mudança mais significativa foi a transformação da mesma em um meio de comercialização do consumo. A indústria cultural influenciada pelo consumismo modificou os módulos de comercialização, entra em cena as novas mídias e a tecnologia. O forró eletrônico se torna um epicentro de reformulações, esse tipo musical nasce com uma linguagem erótica, valorizando os espetáculos ao vivo e utilizando tecnologias em seus espetáculos. Contudo podemos pontuar que esse tipo de música apresenta discursos, imbuídos de representações da cultura nordestina (GONÇALVES, 1996).

No forró eletrônico, a indústria perpetuar à adaptação a cultura popular para gerar uma empatia com os consumidores. As músicas apresentam a linguagem do povo produzindo relações com o cotidiano e com suas vivências no meio social. Podemos pontuar que são várias as músicas com um grande teor sexual. Como afirmar Trotta (2009):

O sexo é um dos temas mais frequentes da esmagadora maioria dos produtos veiculados pela indústria do entretenimento. Ao lado de seu par romântico –o amor – as narrativas que apresentam direta ou indiretamente algum tipo de referência sexual formam um eixo discursivo para o qual filmes, músicas, livros e shows continuamente apontam (TROTТА, 2009).

O forró eletrônico trouxe mudanças no que diz respeito às composições que “deixam de se referir a um sertão rural e idealizado, para se concentrarem em temáticas comuns ao cotidiano de uma população cada vez mais integrada à vida urbana, aos circuitos do mercado cultural de massas” (ALBUQUERQUE JR., 2010, p. 2).

Com as mudanças decorrentes no forró eletrônico vemos aumentar o número de caracterização ao sexo feminino, as mulheres nesse ritmo musical são apresentadas como sendo as “infieis” aos companheiros, as “culpadas pela vida alcoólica dos homens”, e em especial são remetidas a vulgaridade.

O forró, manifestado no pé de serra ou no eletrônico, possui características próprias de uma música nascida no Nordeste brasileiro, mas que com o passar dos anos, com as transformações sociais, vai saindo do ambiente rural e adentrando no urbano. “A vertente eletrônica do forró caracteriza-se por imprimir uma atmosfera jovem e urbana ao gênero, utilizando como estratégia discursiva a apresentação explícita de temáticas sexuais”. Temas sexuais que muitas vezes são remetidos à mulher sejam ao sexo, álcool e corpo. (TROTТА, 2009, p. 140).

Esses são aspectos que podem ser percebidos quando se consideramos alguns trechos das letras do ritmo. Observemos as letras abaixo: Tome Tome, Gravadora: DN Music, Lançamento:2007 e Tchê Tchê Tchê, Composição: Tony Guerra, Lançamento:2009.

Tome Tome (Aviões do Forró)

Mas se eu te pego do meu jeito
Do jeito que eu tô afim
É tchan, tchan, tchan
Tchan, tchan, tchan, tchan, tchan
Tchan, tchan, tchan
Quero ouvir seu fungadinho
Se você disser que sim,
Vem meu gostosinho
É tome, tome, tome
Tome, tome, tome
Tome, tome, tome
Tome amor sua danadinha

Quero ouvir seu fungadinho
Tô desejando você
Se eu também pegar você
É tchan, tchan, tchan
Tchan, tchan, tchan, tchan, tchan
Tchan, tchan, tchan
Deixo você bem molinho.
Tchê Tchê Tchê (Tony Guerra)
Estou apaixonado pensando em você
Porque me deixou sozinho a sofrer?
Agora que te achei nunca vou te largar
Você na minha vida em primeiro lugar...
Estou apaixonado pensando em você
Porque me deixou sozinho a sofrer?
Agora que te achei nunca vou te largar
Você na minha vida em primeiro lugar...
Eu quero você todinha pra mim
Eu quero você gostosinha pra mim
Eu quero você todinha pra mim
Eu quero você nuazinha pra mim
Pra fazer o tchê tchê tchê...
Tchê tchê tchê tchê tchê tchê tchê tchê
Eu quero fazer amor só com você...

Ao observarmos essas músicas veremos que ambas estão relatando uma situação que faz referência à mulher em especial ao seu corpo afirmando que o corpo feminino está relacionado a todo o momento ao sexo em ambas as músicas. O discurso da primeira música parece com o discurso da segunda, pois o que se remete e o sexo e a utilização do corpo feminino para satisfazer os prazeres masculinos.

Ao analisarmos a mulher nas letras musicais no referido ritmo podemos perceber que não somente nesse ritmo mais em uma gama acentuada de gêneros musicais, elas são tratadas de forma vulgar e sobre referências sexuais. Ocorre assim uma desvalorização da imagem feminina no campo musical, em especial no forró eletrônico. Observa-se que nesse ritmo musical ao longo de sua trajetória foi implantado o discurso negativo com relação à mulher, especialmente elaborando um discurso de vulgaridade.

O estudo sobre gênero, sobre a condição feminina e as histórias das mulheres, precisa ser discutido e aprofundado nas bases da educação para justamente desconstruir os discursos machistas atuais no que diz respeito à caracterização feminina. É preciso reconhecer o papel da mulher na sociedade sobre outra visão, a de conquistadora de seus direitos. Voltando para a realidade educacional um dos métodos que o professor pode utilizar para se debater sobre a caracterização feminina e o recurso musical, as letras musicais carregam consigo realidades e discursos da sociedade, os alunos ao analisarem as letras poderiam pontuar o que interpretaram

da letra e se essa fala musical condiz com suas realidades. Eles ainda poderiam afirmar se eles concordam com esse tipo de linguagem e de letra musical. Esse momento pode ser enriquecido com um bom debate sobre a caracterização e afirmação feminina algo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As ações femininas fizeram parte da história em distintos âmbitos culturais e políticos, as reflexões nas aulas de aula sobre as mulheres, tem distintos marcos a serem trabalhados nas relações sociais e culturais. Os vínculos entre homens e mulheres e as diferenças de gênero, precisam serem apresentados e difundidos no meio educacional.

É necessário que ocorra uma valorização das conquistas femininas, e que ocorra uma desconstrução de conceitos errôneos atribuídos à mulher. Através da educação pode ser desvinculado o lado “opressor” de conceitos vinculados à mulher de forma errada, ela luta por seus direitos assim como qual outro ser que busca reconhecimento.

Neste sentido faz, necessário entender esse processo de inferiorizar ao outro e introduzir desde de cedo uma análise da construção histórica de desclassificar o sexo feminino como afirma Fagundes (2011) a mulher tem que questionar desestabilizar e acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. Ainda sobre a questão de gênero, Soihet & Pedro (2007, p 289), afirmam que:

‘gênero ‘dá ênfase ao caráter fundamentalmente social, cultural, das distinções baseadas no sexo, afastando o fantasma da naturalização; dá precisão à ideia de assimetria e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporando a dimensão das relações de poder; dá relevo ao aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, de que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois poderia existir através de um estudo que os considerasse totalmente em separado, aspecto essencial para “descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la.

Referências bibliográficas

_____. Aviões do forró. Vol.5. Disponível em: < letras.mus.br/aviões-do-forro/1004409 >. Acesso em: 02/07/2019.

_____. Aviões do forró. Vol.5. Disponível em: < letras.mus.br/aviões-do-forro/1322655 >. Acesso em: 25/08/2019

_____. **A Condição Feminina: Uma breve retrospectiva histórica.** Disponível em: http://www.dbd.pucrio.br/pergamum/tesesabertas/0310205_2005_cap.02.

DIAS, MARIA ODILIA. **Mulheres sem História.** Departamento de História de FFLCH, Universidade de São Paulo, P.31-45.

FAGUNDES, Teresa Cristina Pereira Carvalho. **Sexualidade, Gênero e Poder- Educação numa perspectiva emancipatória.** Revista espaço acadêmico, março de 2014.

FIORIN, J. L. **Tendências da análise do discurso.** Estudos Lingüísticos, v.19, p.173-9,1990.

FOCAULT, MICHEL. **História da Sexualidade: A vontade de saber.** Tradução: Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilho Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRANCO JUNIOR, Hilário 1948- **Idade média, nascimento do ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREIRE, Libny Silva. **Forró eletrônico: uma análise sobre a representação da figura feminina.** 2012.113 f.: il.

J. EUGENIA.C. SILVIANE BARBATO. **Identidade Feminina- Um conceito complexo.** Universidade de Brasília. Paidéia,2004.

MURARO, R.M. **Breve introdução histórica.** Disponível em:
www.dhnet.org.br/memoria/feiticeira/introducao.html

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.126p.

PÊCHEUX, M. Apresentação da AAD. In: GADET, F., HAK, H. **Por uma análise automática do discurso (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux).** Campinas: Pontes, 1990.

ROUCHA-COUTINHO.M. L (1994). **Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro: Rocco.

SCOTT.J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, Recife,1991.

SOIHET, Raquel & PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.

TROTTA, Felipe. **Música e mercado: A força das classificações.** Revista Contemporânea, v.3, n. 2, 2005, p. 181-196

SOIHET, Raquel & PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.

TROTTA, Felipe. **Música e mercado: A força das classificações.** Revista Contemporânea, v.3, n. 2, 2005, p. 181-196.